

O filósofo e romancista Umberto Eco concedeu uma entrevista ao Jornal El País em março de 2015, pouco menos de um ano antes de sua morte. Na ocasião, o escritor falou sobre o conteúdo de seu último romance, Número Zero, uma ficção sobre o jornalismo inspirada na realidade e sobre as relações da temática da obra com a atualidade: o papel da imprensa, a Internet e a sociedade.

Pergunta: Agora a realidade e a fantasia têm um terceiro aliado, a Internet, que mudou por completo o jornalismo.

Resposta: A Internet pode ter tomado o lugar do mau jornalismo... Se você sabe que está lendo um jornal como EL PAÍS, La Repubblica, Il Corriere della Sera..., pode pensar que existe um certo controle da notícia e confia. Por outro lado, se você lê um jornal como aqueles vespertinos ingleses, sensacionalistas, não confia. Com a Internet acontece o contrário: confia em tudo porque não sabe diferenciar a fonte credenciada da disparatada. Basta pensar no sucesso que faz na Internet qualquer página web que fale de complôs ou que invente histórias absurdas: tem um acompanhamento incrível, de internautas e de pessoas importantes que as levam a sério.

Pergunta: Atualmente é difícil pensar no mundo do jornalismo que era protagonizado, aqui na Itália, por pessoas como Piero Ottone e Indro Montanelli...

Resposta: Mas a crise do jornalismo no mundo começou nos anos 1950 e 1960, bem quando chegou a televisão, antes que eles desaparecessem! Até então o jornal te contava o que acontecia na tarde anterior, por isso muitos eram chamados jornais da tarde: Corriere della Sera, Le Soir, La Tarde, Evening Standard... Desde a invenção da televisão, o jornal te diz pela manhã o que você já sabe. E agora é a mesma coisa. O que um jornal deve fazer?

Pergunta: Diga o senhor.

Resposta: Tem que se transformar em um semanário. Porque um semanário tem tempo, são sete dias para construir suas reportagens. Se você lê a Time ou a Newsweek vê que várias pessoas contribuíram para uma história concreta, que trabalharam nela semanas ou meses, enquanto que em um jornal tudo é feito da noite para o dia. Um jornal que em 1944 tinha quatro páginas hoje tem 64, então tem que preencher obsessivamente com notícias repetidas, cai na fofoca, não consegue evitar... A crise do jornalismo, então, começou há quase cinquenta anos e é um problema muito grave e importante.

Pergunta: Por que é tão grave?

Resposta: Porque é verdade que, como dizia Hegel, a leitura dos jornais é a oração matinal do homem moderno. E eu não consigo tomar meu café da manhã se não folheio o jornal; mas é um ritual quase afetivo e religioso, porque folheio olhando os títulos, e por eles me dou conta de que quase tudo já sabia na noite anterior. No máximo, leio um editorial ou um artigo de opinião. Essa é a crise do jornalismo contemporâneo. E disso não sai!

Pergunta: Acredita de verdade que não?

Resposta: O jornalismo poderia ter outra função. Estou pensando em alguém que faça uma crítica cotidiana da Internet, e é algo que acontece pouquíssimo. Um jornalismo que me diga: "Olha o que tem na Internet, olha que coisas falsas estão dizendo, reaja a isso, eu te mostro". E isso pode ser feito tranquilamente. No entanto, ainda pensam que o jornal é feito para que seja lido por alguns velhos senhores – já que os jovens não leem – que ainda não usam a Internet. Teria que se fazer um jornal que não se torne apenas a crítica da realidade cotidiana, mas também a crítica da realidade virtual. Esse é um futuro possível para um bom jornalismo.

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427393303_512601.html.

1. Qual tese sobre o jornalismo pode ser depreendida a partir das respostas de Umberto Eco na entrevista?

- a) O jornalismo convencional e o jornalismo da internet precisam ser complementares.
- b) É responsabilidade do leitor o discernimento para avaliar as informações e acreditar ou não nelas.
- c) O jornalismo escrito está fadado a desaparecer, perdendo espaço para a televisão e a internet.
- d) O jornalismo tem de se modificar para atender às características de um novo momento.
- e) O jornalismo via internet não tem compromisso com a verdade dos fatos que noticia.

2. A única característica que não se aplica ao texto em questão, uma entrevista, é:

- a) A organização conversacional marcada pela alternância de turnos de pergunta e de resposta.
- b) O emprego de reticências, revelando alguma hesitação do interlocutor ou mesmo uma enumeração inconclusa.
- c) A extensão igualitária dos turnos, o que comprova que os dois interlocutores têm muito a dizer sobre o assunto.
- d) A elaboração de perguntas, pelo entrevistador, derivadas da argumentação apresentada pelo entrevistado.
- e) A ampliação da pergunta por parte do entrevistado, o qual vai além do que foi proposto pelo entrevistador.

3. Assinale a única alternativa cuja oposição temática não se faz presente no texto.

- a) Moderno x antigo.
- b) Religiosidade x ateísmo.
- c) Realidade x fantasia.
- d) Neutralidade x criticidade.
- e) Seriedade x sensacionalismo.

4. Em relação ao uso dos pronomes no texto, é correto afirmar que:

- a) "suas" (linha 20) retoma "dias" (linha 19).
- b) "eu" (linha 26) é a única marca de subjetividade.
- c) "você" (linhas 6 e 8) é uma referência direta ao entrevistador.
- d) "eles" (linha 28) retoma "jornais" (linha 26).
- e) "te" (linha 13) pode ampliar a referência para além do interlocutor

5. Observe o segmento: "Um jornalismo que me diga: "Olha o que tem na Internet, olha que coisas falsas estão dizendo, reaja a isso, eu te mostro." (linhas 32 e 33)

Percebe-se o emprego de: a) Hipérbole. b) Personificação. c) Pleonismo. d) Antonomásia. e) Eufemismo.

Tatuagens

Cheguei hoje à triste conclusão de que sou o último exemplar da espécie "Homo sapiens" que não tem uma tatuagem para mostrar. Amigos, amigas, sobretudo amigas, todos eles ostentam iconografia diversa em diversas partes do corpo. Preferências pelo mundo animal, bélico e satânico.

Eu, pelo contrário, sou uma tela em branco, coberto apenas por penugem hominídea, a fatal celulite e algumas cicatrizes que trouxe do Vietnã. Como explicar essa epidemia de tatuagens que transforma o meu mundo num retorno à pré-história, com os meus amigos feitos pinturas rupestres e eu, um dinossauro em extinção?

Uma possível explicação pode ser buscada em Norbert Elias (1897 - 1990), o grande historiador da França pré-revolucionária, que nas obras sobre a "sociedade da corte" disserta com talento inultrapassável sobre a forma como a nobreza sempre se procurou distinguir da população circundante.

Conta Elias, sobretudo em "O Processo Civilizacional", que as elites procuravam essa distinção pela busca de novos e refinados símbolos (nos adereços, no vestuário, nos comportamentos). Só depois a plebe corria atrás, procurando imitar e, pela imitação, "nobilitando-se". A ascensão social fazia-se por imitação social, ou seja, por imitação "superior".

As tatuagens representam uma pequena revolução civilizacional. Pela primeira vez em toda a história social do Ocidente, a classe média procura distinguir-se por imitação "inferior": se os nossos antepassados olhavam para cima, os nossos contemporâneos olham para baixo. Para as marcas tangíveis, carnisais, inapagáveis de roqueiros ou marginais, como se essa descida fosse uma forma paradoxal de ascensão.

O problema desses movimentos miméticos é que eles acabam sempre por atingir estágios de estagnação, nos quais é necessário encontrar novas marcas distintivas - não é por acaso, escreve Elias, que Paris se foi refinando continuamente: uma vez imitada pela plebe, a nobreza partia em busca de novos códigos exclusivos que por sua vez acabariam por ser imitados, e abandonados, e trocados por outros. "Ad infinitum".

Hoje, a imitação "inferior" bateu contra o mesmo tipo de parede - e a tatuagem, que era a exceção na paisagem, passou a ser regra. Difícil não é ter ou ver uma tatuagem. Difícil é não ter ou não ver.

O que significa que, mais cedo ou mais tarde, não será de excluir que os meus amigos comecem a aparecer com ossos no nariz, em imitação de uma qualquer tribo primitiva e, de preferência, assaz remota e assaz exclusiva.

Uma civilização que já olhou para cima e para baixo para se "nobilitar" socialmente, talvez encontre novos caminhos de distinção olhando para longe.

João Pereira Coutinho, Folha.com, 20/09/2010.

1. O fato concreto sobre o qual se constrói o texto é o uso de tatuagens. Em relação a isso, o autor se mostra:
 - a) resignado, analisando essa tendência do homem moderno por meio de uma retrospectiva histórica.
 - b) temeroso em relação ao aumento do número de pessoas tatuadas e ao seu possível isolamento, pois não é tatuado.
 - c) simpático à prática, lamentando o fato de não ter uma tatuagem, o que o torna um homem pré-histórico.
 - d) irônico, em razão de referir-se de forma sarcástica a pessoas tatuadas.
 - e) preconceituoso, já que evoca a relação entre as tatuagens e as classes desfavorecidas.
2. No texto, a questão da tatuagem é abordada por meio de diferentes relações temáticas. Assinale a única relação a que o texto não se refere:
 - a) pobreza X riqueza
 - b) antiguidade X modernidade
 - c) feiura X beleza
 - d) primitivismo X avanço
 - e) igualdade X diferença
3. Nas linhas 12, 14 e 21, os termos —superior e —inferior aparecem entre aspas, as quais se justificam por
 - I. Destacarem um ponto fundamental explorado no texto: a diferença entre classes sociais.
 - II. Marcarem a ironia em relação aos padrões de segmentação social, delimitando, assim, o inconformismo do autor.
 - III. Mostrarem, dentro do texto, a presença da voz do outro, nesse caso, do senso comum.
 - IV. Tornarem evidente o questionamento do autor em relação aos conceitos que os dois termos veiculam.Estão corretas apenas as afirmativas: a) I e II b) III e IV c) I e IV d) II e III e) I, II e III
4. Considerando o texto na sua globalidade de sentido, pode-se dizer que nele o autor:
 - a) aponta que os padrões de comportamento são sempre pautados naquilo que se julga esteticamente mais avançado.
 - b) prova que o comportamento humano muda a cada geração e que a sua renovação é inevitável.
 - c) sugere que o homem, apesar da tendência natural à reedição de comportamentos, deve buscar transcender o já existente.
 - d) denuncia o quão discriminatória é a sociedade, que rechaça comportamentos inovadores.
 - e) defende que comportamentos não devem ser copiados, sob pena de se adotarem modelos moralmente questionáveis, como os marginais.
5. Em relação ao uso de diferentes pessoas no discurso, considere as alternativas a seguir:
 - I. A citação de Norbert Elias, nas linhas 8 e 9, representa um recurso argumentativo, na medida em que as ideias do historiador respaldam a tese defendida por Coutinho.
 - II. O uso da 1ª pessoa do singular confere um tom de informalidade ao texto, ao mesmo tempo em que marca a personalidade, o que não é recomendável nesse tipo de texto, notadamente persuasivo.
 - III. A 1ª pessoa do plural, nas linhas 14 e 15, consiste em uma inadequação. O segmento poderia ser alterado, sem qualquer prejuízo ao sentido, por —se os antepassados do homem olhavam para cima, os seus contemporâneos olham para baixo.Está (ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s): a) I b) II c) III d) I e III e) II e III

Compra-se um amigo?!

Num mundo cada vez mais competitivo e exigente, em que há uma constante batalha contra o tempo e uma pressão por resultados e metas a serem atingidas, não é nada surpreendente que o contato e a receptividade emocional acabem sendo prejudicados. Abre-se espaço para o campo das pseudorelações. Prova disso consiste no mais novo lançamento de mercado: o *personal friend*.

Assim como os alimentos prontos para consumo encontrados em supermercados, o *personal friend* tem acesso rápido e fácil. Tudo o que você sempre quis e que nunca encontrou agora está à sua disposição! Literalmente. Um amigo sempre disponível, dedicado, companheiro, bem-humorado, compreensivo, que não se incomoda com a sua falta de tempo e dedicação. Uma interação quase que unipessoal. O “investimento” é apenas financeiro. Basta pagar e pronto! Temos um “amigo” para todas as horas!

De fato, parece que o espaço para sentir e pensar tem ficado em segundo plano. O importante é “atingir nossos objetivos”. Precisamos “chegar lá”! E assim, num ritmo frenético seguimos nossos trajetos, sem olhar muito para os lados. Não podemos nos distrair. Não podemos “ficar para trás”. É perigoso investir no outro. Não há contratos, nem garantias no terreno dos sentimentos. Não há como trocar o “produto” se ele não for como esperávamos. É preciso tolerar as frustrações, aceitar as diferenças. É preciso se dar conta de que passamos a maior parte da nossa vida percorrendo o trajeto, sem ter a certeza de que chegaremos ao destino almejado.

Possivelmente, toda essa pressa encobre um enorme receio em parar. Parar para pensar. É, pensar. Não apenas nas obrigações e tarefas a cumprir. É preciso olhar para nós mesmos e ao nosso redor, sentir o que nos toca e questionar nossos comportamentos. Será mesmo preciso comprar amigos sob o título de *personal friend*?

Carolina Meira Moser. Zero Hora de 22/9/2007

1. Em relação ao texto como um todo, somente não é correto afirmar que nele a autora:
 - a) aponta a grande competitividade da sociedade moderna como uma das causas para o comportamento em questão.
 - b) mostra que o consumismo também está sendo aplicado aos relacionamentos.
 - c) defende que a tecnologia tem acarretado inúmeros e graves prejuízos às sociedades desenvolvidas.
 - d) demonstra desacordo com o fato de as pessoas artificializarem as relações, a ponto de pagarem para alguém exercer a condição de amigo.
 - e) refere que as pessoas, acomodadas, não toleram mais a diferença, característica intrínseca do ser humano.
2. O texto é um artigo de opinião. Trata-se, portanto, de uma proposta argumentativa. A respeito disso, afirma-se:
 - I. Os sinais de pontuação indicativos de interrogação e exclamação usados no título do texto colaboram para revelar a perplexidade do autor em relação ao fato de ser possível, hoje, comprar amigos.
 - II. O questionamento que encerra o texto configura-se como uma pergunta retórica, por meio da qual se marca a relação interacional entre autor e leitor.
 - III. A repetição da expressão “é preciso” (l.14) compromete a construção da proposta argumentativa apresentada ao leitor.É correto o que se afirma em: a) apenas I b) apenas II c) apenas I e II d) apenas II e III e) I, II e III
3. Na construção do texto, alguns recursos foram usados com funções específicas. Analise:
 - I. O uso de aspas (l.8) serve para marcar um ponto de vista do autor em relação à ideia veiculada pela palavra amigo.
 - II. A expressão estrangeira *personal friend* (l.4) poderia ser substituída por uma equivalente em língua portuguesa, amigo pessoal, sem alteração do sentido.
 - III. A comparação construída nas linhas 5 e 6 reforça a ideia de que o *personal friend* representa mais uma mercadoria a ser vendida.Está correto apenas o que se afirma em: a) I b) II c) III d) I e II e) I e III
4. Sobre a ocorrência “Parar para pensar. É, pensar.” (l.16), é adequado afirmar que no trecho:
 - a) há uma repetição que afronta os princípios de uma boa escrita, segundo os quais um texto não deve ser prolixo.
 - b) ocorre um erro estilístico, haja vista que não se deve, neste tipo de texto argumentativo, usar recursos que demonstrem a personalidade.
 - c) fica evidente a intenção de demonstrar ao leitor a importância de se refletir sobre os fatos relacionados à convivência diária na sociedade.
 - d) está implícita a ideia de que a autora imagina que tal proposição cause estranheza ao leitor, desacostumado a analisar seus comportamentos.
 - e) sugere-se que o ato de pensar não é compatível com uma sociedade altamente competitiva e na qual imperam o consumismo e a agitação.
5. Quanto à forma como o enunciador se coloca no discurso, observe as seguintes assertivas:
 - I. O texto inicia em 3ª pessoa, o que confere um efeito de objetividade e distanciamento em relação àquilo que se diz.
 - II. Em “Tudo o que você sempre quis (...)” (l.6), usa-se uma construção típica de textos publicitários, caracterizada pela função apelativa da linguagem.
 - III. O uso da primeira pessoa do plural em grande parte do texto cria, no leitor, uma ilusão de envolvimento naquilo que se relata, o que torna mais fácil sua adesão à tese defendida.Considerando as assertivas, está (ão) correta(s): a) I b) I e II c) I e III d) II e III e) I, II e III